

SOCIOLOGIA, MEMÓRIA E EMOÇÃO: TECENDO EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA ZUMBI DOS PALMARES

Valéria Floriano Machado¹

Camilla de Sousa dos Santos²

Rafaela Berger Pereira³

Marisete Teresinha Hoffmann-Horochouski⁴

RESUMO

Este trabalho resulta de uma atividade extensionista intitulada “Memórias e histórias da escola Zumbi dos Palmares: o uso de imagens na (re)construção da memória das histórias de luta da comunidade”, vinculada ao Projeto “Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo - PR”, desenvolvido pelo Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional (PDUR) da UFPR e financiado pelo Estado do Paraná por meio da Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) através do Programa Universidade Sem Fronteiras (USF). Seu objetivo central consiste no resgate e registro das memórias da/na comunidade, a partir das experiências dos estudantes do Ensino Médio do Colégio

1 – Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora do Profsocio/UFPR. Branca. Mulher cis. Residente em Curitiba/PR. E-mail: vfloriano@gmail.com

2 – Graduanda do Curso de Ciências Sociais da UFPR. Parda. Mulher cis. Residente em Colombo/PR. E-mail: camillasous1@gmail.com

3 – Graduanda do Curso de Ciências Sociais da UFPR. Branca. Mulher cis. Residente em Curitiba/PR. E-mail: rafaelaberger816@gmail.com

4 – Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. Professora do Pgsocio e do Profsocio/UFPR. Branca. Mulher cis. Residente em Curitiba. E-mail: marisetejh@gmail.com

Estadual Zumbi dos Palmares, compartilhadas nas oficinas de relicários e dos lambes, realizadas nos espaços da escola e da vila. Para isso, articulou-se em referencial teórico-metodológico Paulo Freire, bell hooks, Maurice Halbwachs e George Simmel. Por meio dessas oficinas, foi possível aprender o processo de recuperação e construção da memória no ambiente escolar. Em relevo, as conclusões obtidas tangenciam a centralidade da interação na produção e recuperação da memória na escola. De antemão, os encaminhamentos futuros desta pesquisa são as múltiplas possibilidades de análises contidas nesta experiência, como os desdobramentos da memória relacionados à ascensão de novas linguagens na comunicação, especialmente na era da inovação.

Palavras-chave: Emoção. Escola. Experiências juvenis. Memória. Sociologia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma atividade extensionista, realizada no Colégio Estadual Zumbi dos Palmares, intitulada “Memórias e histórias da escola Zumbi dos Palmares: o uso de imagens na (re)construção da memória das histórias de luta da comunidade”. Esta atividade é parte integrante do Projeto “Direitos sociais, inovação e disseminação de memórias de luta na Vila Zumbi dos Palmares em Colombo — PR”, desenvolvido pelo Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional (PDUR), vinculado ao Departamento de Sociologia, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no decorrer do ano de 2022.

A Vila Zumbi dos Palmares foi escolhida para a realização do projeto porque é um bairro popular da cidade de Colombo, Região Metropolitana de Curitiba (RMC), que concentra aspectos interessantes da realidade brasileira no que diz respeito às periferias urbanas. Um dos extremos da vila é contornado pela BR-116 e seu outro extremo contornado pelo Rio Palmital, um rio de manancial, o que torna a vila uma Área de Proteção Ambiental (APA), assim revelando a localização periférica do bairro. Sua ocupação remonta a maio de 1991, quando mais de 300 famílias de trabalhadores sem ter onde morar realizaram a apropriação daquele espaço e o nomearam “Vila Zumbi

dos Palmares”. Desde o momento de sua fundação até os primeiros anos que se seguiram, sua história foi marcada pela precariedade e ausência de infraestrutura. A desigualdade social, já revelada pelos fatores supracitados, se tornou ainda mais latente no início dos anos 2000, quando o Alphaville, um empreendimento de condomínios de luxo, passou a fazer fronteira com a ocupação. Não obstante, em 2005 a Vila Zumbi foi cenário de um projeto-piloto de regularização fundiária e urbanização de áreas precárias no estado do Paraná, através do Programa Direito de Morar, desenvolvido pela Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar) em parceria com o estado do Paraná, então governado por Roberto Requião.

Neste cenário, o projeto de extensão realizado se propôs a conhecer mais sobre a história do bairro, da ocupação à regularização, atuando para recuperar as suas memórias, registrá-las e disseminá-las através da produção de um documentário, da realização de oficinas e da escrita de textos acadêmicos sobre a Vila Zumbi dos Palmares, em Colombo. Para tanto, um dos encaminhamentos do projeto foi compreender o lugar da escola na construção da memória da vila, partindo do pressuposto de que o registro da memória não oficial é o que possibilita o não apagamento da história de determinados grupos sociais (HALBWACHS, 1990).

Foi no espaço da escola – fundada em abril do ano 2000 e com aproximadamente 1.200 alunos, matriculados no Ensino Fundamental II e Médio, em 2022 – que se realizaram as atividades/oficinas que embasaram a escrita deste trabalho. Tais atividades, construídas a partir de experiências e do resgate e registro de memórias de estudantes de três turmas do primeiro ano do Ensino Médio, consideraram que a escola, além de ser fundamental no processo de formação e socialização, é um espaço rico e diverso de construção e compartilhamento de experiências juvenis (PEREIRA, 2016) e de memórias.

É importante dizer, contudo, que o início dessa feitura se deu no espaço da universidade, num curso de preparação para o trabalho de campo, denominado “Como se faz: Registro e Produção de suportes de memória”. O trabalho da memória nos estudos sociológicos, a importância da oralidade, a fotografia como potencialidade no registro e recuperação da memória e a notabilidade do sentimento em meio ao processo de estudo de campo, foram

temas trabalhados. Uma atividade, em especial, foi essencial nessa tessitura: a produção de relicários, que articula imagem, memória e sentimentos!

A metodologia utilizada no curso de extensão foi inspiradora para a entrada na sala de aula. Didaticamente, num primeiro momento que consistiu em duas aulas em cada turma, buscou-se trabalhar a tríade sociologia, memória e emoção, demonstrando como esses três elementos se relacionam entre si. Em seguida, estabeleceu-se um diálogo com os estudantes, com o intuito de escutar suas histórias acerca de como é morar na Vila Zumbi, quais as atividades que realizam e os espaços de sociabilidade que frequentam fora do contexto da escola, quando suas famílias mudaram para o bairro e o que seus familiares contam sobre o passado do lugar. Depois dessa interação inicial, os estudantes foram convidados a participar, com suas histórias e experiências, de duas oficinas que se dariam respectivamente dentro e fora dos muros da escola: de recuperação e registro, e da disseminação de memórias.

A primeira oficina girou em torno da construção coletiva de um relicário. Os estudantes trouxeram fotografias de casa para a escola e montaram um painel no quadro com essas imagens. Em seguida, foram instigados a falarem sobre as imagens que compartilharam com a turma, sobre seus significados, sobre o que representavam para eles. Por fim, foram convidados a escolherem uma palavra para sintetizar os sentimentos evocados no lembrar e narrar a história vivida ou apreendida. A experiência foi interessante e suscitou emoções, envolvendo uma troca rica entre estudantes, extensionistas e a professora de Filosofia e Sociologia das turmas, que participou das atividades realizadas na escola e as articulou com os conteúdos trabalhados em suas aulas.

A segunda oficina, de lambe-lambe, foi desmembrada em duas partes e também contou com um engajamento dos estudantes. Na primeira parte, com as imagens utilizadas na oficina dos relicários, foi feita montagem de diversas cartazes para lambes – imagens para serem coladas em muros e postes – que contassem a história da Vila Zumbi. Entre fotografias, letras de músicas, desenhos, escritas e histórias individuais, foi surgindo cartazes, pôsteres artísticos, que atribuíram sentidos e significados à história da vila; fragmentos de uma história coletiva. O envolvimento foi grande. Um dos grupos,

formado por cerca de oito rapazes, começou a cantar a música “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde nasci, e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”, de Cidinho e Doca, fazendo uma alusão à própria vila, onde a maioria nasceu. Estabeleceu-se a “maior zoeira”, na perspectiva de Pereira (2016), e uma das estudantes relatou que, embora estudasse com os meninos desde o sexto ano, nunca tinha visto eles tão animados e empenhados numa atividade dentro dos muros da escola. O objetivo foi alcançado e, além do engajamento e do compartilhamento de experiências juvenis, o entrelaçamento entre individual e coletivo foi evidenciado na tessitura dos lambes.

A segunda parte da atividade, consistia em disseminar esses cartazes, colar os lambes, em diferentes espaços. As paredes da escola e os postes e muros da Vila Zumbi ganharam cores e enredos, trazendo fragmentos de uma história coletiva. Esse processo de rememorar, ressignificar e entrelaçar memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990), que teve sua disseminação por meio dos lambes gravada por discentes da área da comunicação que trabalham na Agência Escola da UFPR, seguiu os preceitos éticos e um cuidado na construção para evitar exposição indevida ou constrangimento aos estudantes envolvidos. Foi instigante ver os estudantes intervindo no espaço em que vivem, convivem e criam memórias, contando uma história que envolve a luta de uma coletividade no processo de ocupação à regularização da vila.

Por fim, é importante destacar que a percepção de que todo o aprendizado do primeiro curso de extensão, realizado no espaço acadêmico, pôde ser utilizado para gerar um novo aprendizado, agora no contexto escolar, fez com que a relação pretendida pela universidade entre ensino, pesquisa e extensão fosse compreendida na realidade concreta, alinhando teoria e prática.

POR UMA SOCIOLOGIA DA MEMÓRIA E DA EMOÇÃO: ENTRELAÇANDO TEORIA E PRÁTICA

Para pensar a escola e desenvolver as atividades com os estudantes, no sentido de resgatar suas memórias e experiências juvenis, estabeleceu-

-se um conjunto de termos centrais para alicerçar as discussões: sociologia, memória e emoção. George Simmel, que compreende a interação como o que constitui a sociedade, foi fundamental para pensar a sociologia (SIMMEL, 1968). Maurice Halbwachs, por sua vez, ajudou a refletir sobre a construção da memória coletiva, na medida em que defende o entrelaçamento da memória individual com a da coletividade e destaca que: “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p. 60). Paulo Freire foi inspirador para abordar a emoção, na medida em que compreende o emocional como elemento fundamental na prática do ensino (FREIRE, 2020). Considera-se, portanto, que esse conjunto de termos só existe a partir da existência de vida. A sociologia como ciência se estrutura a partir do estudo da sociedade que se constitui na interação entre sujeitos. Nesse ínterim, a memória se consolida a partir das vivências desses sujeitos que são, enquanto indivíduos, perpassados inevitavelmente pela emoção.

A partir disso, é possível identificar três elementos que estão em constante transformação e são por excelência inacabados: o mundo, o sujeito e o conhecimento. Freire (2020) afirma que uma vez que o ser humano é inacabado, o mundo também o é, pois quem o constitui é esse sujeito inacabado. Para o autor, também o conhecimento é perpassado impreterivelmente pelo inacabamento, quando se reconhece que ele é produzido por sujeitos inacabados e está situado num mundo inacabado. “Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2020, p.50).

Destarte, compreende-se, aqui, a educação como resultado de um processo de constante inacabamento, considerando que: “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (FREIRE, 2020, p. 57). Seguindo Freire (2020, p. 25), a aproximação com a escola deve ser, a todo momento, fundamentada na noção: “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”. Reconhece-se que somos sujeitos de conhecimento e, também, sujeitos de aprendizado. Nessa perspectiva, a abordagem com estudantes deve ser norteadada pelo pensamento de que: “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2020, p. 26).

Essa concepção da educação vai ao encontro de questionamentos formulados acerca do caráter extensionista da atividade. A extensão universitária

ria como uma proposta de estender o conhecimento do ensino superior à comunidade não acadêmica pode ser bastante problemática, inclusive pelos termos utilizados. Ensino “superior” e comunidade “não acadêmica” parecem se organizar hierarquicamente, reproduzindo a velha dicotomia ciência e senso comum, saber científico e saber popular. Dicotomia questionada por Freire em suas obras. *Extensão ou Comunicação* (1985), possibilitou justamente compreender que a extensão é uma comunicação, um diálogo entre conhecimentos diversos.

Nesse sentido, a proposta era, por meio de uma troca de experiências, construir conhecimento com a comunidade, aprender ouvindo suas experiências como sujeitos no mundo e ensinar a partir de conhecimentos e, também, da experiência universitária. Posto isto, a intenção não era ensinar sobre a história da vila, sobre pertencimento e resistência, mas aprender observando diferentes experiências juvenis (PEREIRA, 2016), resgatando memórias individuais, sempre entrelaçadas a memória coletiva (HALBWACHS, 1990). O intuito principal era refletir coletivamente sobre a memória da vila, propondo formas de resgate e registro dessa história.

As contribuições de bell hooks (2013), acerca da valorização da experiência nas práticas da educação em *Ensinando a Transgredir*, foram fundamentais nesse aspecto. Quando as atividades no colégio foram iniciadas, partiu-se do pressuposto de que as experiências dos estudantes seriam fundamentais para reconstruir a memória da ocupação e para identificar o sentimento de pertencimento em relação a escola e a vila. Acreditava-se que não seria possível aplicar teorias sociológicas nas oficinas sem associá-las à vida material, afinal:

Quando nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra (hooks, 2013, p.85-86).

Tendo situado o valor da experiência na prática das oficinas, procurou-se enfatizar a relação pessoal de cada um dos estudantes com a vila e os impactos da história daquele lugar em suas vidas no âmbito familiar, nos

espaços de sociabilidade do bairro e especialmente na escola. Quando eles foram instigados a contar o que sabiam sobre o passado da vila, há quanto tempo moravam ali e a compartilhar memórias construídas naqueles espaços, o intuito principal era que percebessem sua identificação com a história vivenciada pela comunidade, pelo bairro. Afinal, como bem destacou bell hooks em consonância com o pensamento de Freire, a identidade é o que dá sentido à luta.

A política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição que dê objetivo e significado à luta. As pedagogias críticas da libertação atendem a essas preocupações e necessariamente abraçam a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimentos válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado (hooks, 2013, p.120)

A partir disso, se imaginava que se faria entre os estudantes uma consciência comunitária sobre o valor da memória individual de cada um deles para a recuperação da memória coletiva. Acreditava-se que, para os jovens protagonistas desse enredo, ficaria evidente que os eventos do passado da Vila Zumbi dos Palmares perpassavam suas vivências como sujeitos e como comunidade. Com efeito, como bem lembra Halbwachs (1990, p.78): “Para que a memória dos outros venha reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado”. Assim, o pertencimento daqueles jovens em relação à escola e à vila se fortaleceria pela memória da história compartilhada.

Outro ponto fundamental, evidenciado na primeira oficina realizada na escola, foi a disposição dos estudantes em escutarem uns aos outros, valorizando a experiência dos demais, respeitando suas percepções da história da vila e acolhendo suas emoções afloradas pelo resgate das memórias individuais e, por extensão, das memórias sociais. Novamente retoma-se bell hooks (2013), que já havia sublinhado a sala de aula como um lugar de valorização dos sujeitos ao ouvirem uns dos outros.

O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. [...] Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona uma certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e o que dizemos. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado [...] (hooks, 2013, p.114-115)

As experiências juvenis, únicas e diversas, são fundamentais na escrita coletiva de um mesmo contexto social e foram imprescindíveis no resgate e na disseminação da memória da vila. Essas experiências são como fios que, artesanalmente, vão tecendo novas histórias e reconstruindo antigas lembranças.

Quando Paulo Freire discorre sobre a prática do ensino e os seus percalços, ele faz uma indagação: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...]?” (FREIRE, 2020, p. 32). Procurou-se, então, retomar a história da ocupação para falar sobre direitos sociais, moradia e direito à cidade. Buscou-se abordar os motivos que levaram as pessoas a ocuparem, os problemas sociais que constituíram o cenário da ocupação e as violações de direitos que ocorreram, assim como entender como esse processo afetou suas famílias e a eles mesmos.

Diante disso, foi possível observar na prática da sala de aula uma “participação enérgica” dos jovens estudantes, tal como sinalizado por bell hooks, a partir da sua identificação com a situação vivenciada: “Todos os alunos, não somente os de grupos marginalizados, parecem mais dispostos a participar energicamente das discussões em sala quando percebem que elas têm uma relação direta com eles [...]” (hooks, 2013, p.118). Como resultado que seguiu ao resgate das memórias, percebeu-se que houve na segunda oficina, a de confecção dos lambes, um expressivo senso de protagonismo na história da Vila Zumbi por parte dos estudantes.

A espacialidade da memória se fez nítida àqueles jovens quando começaram a reconhecer as ruas que moram hoje como ruas que eram numeradas na ocupação. Quando perceberam que as paredes da escola, hoje de tijolos, eram as mesmas que antes foram improvisadas com containers; que

as casas que habitam resultam da luta de suas famílias pelo direito à moradia. Junto com essa percepção, houve a manifestação de orgulho de fazer parte da história da Vila Zumbi. Ao reconhecerem a vila como o espaço onde toda essa história de resistência se desenvolveu, e a partir da qual todas essas memórias de luta se construíram, os estudantes se sentiram pertencentes a um lugar material. Como indica Halbwachs, a respeito do espaço como instrumento de recuperação da lembrança e de consolidação da memória coletiva:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conserve, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Por fim, para compreender as dimensões do trabalho realizado nas oficinas, a construção da memória da vila a partir da escola e a emoção de todos os sujeitos envolvidos nesse processo, recorreu-se à teoria sociológica de Simmel (1968, p.59): “A sociedade existe onde quer que vários indivíduos entram em interação”. Na produção e recuperação da memória na escola, a interação foi central.

De acordo com Simmel (1963), em *O Problema da Sociologia*, o objeto de estudo da sociologia é a sociedade, mas nem tudo o que se realiza dentro do que entende-se por sociedade é de fato objeto de estudo dos sociólogos. Simmel identifica como sociedade em si a interação entre os indivíduos. Esta categoria é, para ele, a junção entre forma e conteúdo da sociedade.

Se, pois, deve haver uma ciência cujo objeto seja a sociedade, e nada mais, deve ela unicamente propor-se como fim de sua pesquisa estas interações, estas modalidades e formas de socialização. Tudo mais que se encontra no seio da “sociedade”,

tudo o que se realiza por ela e em seus limites, não é propriamente sociedade, mas simplesmente um conteúdo que desenvolve esta forma de coexistência ou é por ela desenvolvido; somente se produz a figura real chamada “sociedade”, no mais amplo e costumeiro sentido do termo, quando se juntam conteúdo e forma (SIMMEL, 1968, p.61)

Assim, compreende-se que a memória é sociedade porque se faz pela interação de sujeitos em temporalidades múltiplas. A memória se produz constantemente enquanto a vida em sociedade, movida pela interação, acontece, em manifestação excelente de seu inacabamento. Além disso, a memória se reproduz quando recuperada. E, por fim, o trabalho da memória, da reconstrução do passado a partir do aqui e do agora, se apoia nas lembranças vivenciadas com os outros e com as instituições da qual o indivíduo fez parte, de acordo com Halbwachs (1990), reforçando tanto o entrelaçamento entre individual e social, quanto a importância da interação nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é parte integrante de uma extensão universitária sobre direitos sociais e memórias de luta num bairro popular de uma cidade da Região Metropolitana de Curitiba. Resulta das discussões e interações realizadas especificamente no contexto escolar, no período de outubro e novembro de 2022, e teve como inspiração um curso de extensão realizado na Universidade Federal do Paraná sobre registro e produção de suportes de memória.

Na escola da Vila Zumbi foram realizadas duas oficinas com jovens estudantes de três turmas do Ensino Médio: produção de relicários e confecção de lambes. Nas oficinas, desenvolvidas com a concordância da professora de Filosofia e Sociologia, foi trabalhado o entrelaçamento entre memória individual e coletiva, entre indivíduo e sociedade, biografia e história. A ideia central era resgatar e registrar a memória da escola e da própria localidade, a partir do acionamento das memórias e experiências juvenis, partindo do pressuposto que o indivíduo é que refaz os acontecimentos a partir do aqui e agora, mas sempre se apoiando nas instituições e grupos que integram sua história, conforme Halbwachs (1990). A memória individual atrelada à memória coletiva. A escola foi aqui entendida como um espaço de socialização, de

interação, de construção e de compartilhamento de memórias da vila e de fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade.

Nesse contexto, os apontamentos resultantes deste trabalho partem da contestação da perspectiva hierarquizante de extensão universitária. Com efeito, aponta-se como alternativa a perspectiva da comunicação, trabalhada por Freire (1985), que propõe a relação entre universidade e comunidade orientada pelo diálogo entre conhecimentos diversos. Consoante a isso, está a valorização da experiência, destacada por hooks (2013), como recurso de identificação que contribui para a construção do pertencimento e protagonismo pautado na interação, na perspectiva de Simmel (1968), com sujeitos e espaço. Todas essas questões perpassam a constituição da memória coletiva, trabalhada por Halbwachs (1990), e estiveram presentes nos trabalhos de recuperação, registro e disseminação das memórias da Vila Zumbi.

De antemão, os encaminhamentos futuros desta pesquisa são as múltiplas possibilidades de análises contidas nesta experiência, como os desdobramentos da memória relacionados à ascensão de novas linguagens na comunicação, especialmente na era da inovação. Além disso, interessa buscar arcabouço teórico para abordar este ou outros estudos a partir da sociologia das emoções. Outros romances para compor essa tessitura!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 75ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Vértice, 1990.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **A maior “zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. São Paulo: UNIFESP, 2016.

SIMMEL, G.. Das Problem der Soziologie. *In*: — **Soziologie**. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. 5ª ed., Berlim, Duncker & Humblot, 1968. p. 4-21. Trad, por Evaristo de Moraes Filho.